

Adelino Torres

# Ironias



2007

# IRONIAS

## I

### Ideias

Há ideias que matam homens  
e homens que matam ideias.  
O mistério derradeiro  
é saber  
quem neste confronto  
morre primeiro.

No meio dessa tragédia  
perderam-se as coisas belas:  
são muitos a matar ideias  
mas já faleceram todos  
que estão ao serviço delas...

## II

### Ilusão prosaica

Se cada um de nós soubesse  
o dia do funeral  
previamente marcado  
pelo destino fatal  
ou outra qualquer má sorte,  
cem mil vezes seria  
à tortura submetido  
e outras mil morreria  
depois de condenado à morte.

A ignorância é, neste caso,  
autêntica felicidade  
sobretudo quando dura  
a ilusão prosaica e tonta  
de vã imortalidade.

mas os sábios não desistem  
com muito afinco e destreza  
de mandar mais do que Deus,  
como se não lhes bastasse já  
enganar a natureza!

Alguns proclamam mesmo  
com óbvio descaramento  
que a ciência é certa  
que a verdade já tem dono  
e que o resto é fingimento.

Lá no fundo, bem no fundo  
desse juízo atrevido,  
todos eles apenas esperam  
que Deus esteja distraído...

# III

## Postal souvenir

*Para o Alfredo Margarido*

Era nos anos sessenta  
quando Paris vivia por interposto Maio  
num Carnaval de fantasia e retórica  
que a imaginação em delírio  
chamava com orgulho: “*etapa histórica*”.

“*Etapa*” foi certamente  
“*histórica*” não sei dizer,  
mas entre a austera sisudez  
dos donos do saber  
e a ligeireza romântica da ilusão,  
se alguma coisa ficou para reter  
muita mais se perdeu sem remissão.

Lembro-me do António José Saraiva  
certa tarde hirsuto e façanhudo  
no café do Luxemburgo  
sobre Nietzsche a dissertar  
empunhando o verbo alto e colorido  
para desancar  
não sei que ideologia insana,  
enquanto o Alfredo Margarido  
irado com os deuses  
e com os exilados portugueses  
matava, implacável, um a um  
os piolhos da estupidez humana.

À volta, cabisbaixos e em silêncio  
quase em oração  
os arautos da revolução esperada,  
indómitos pensadores  
da filosofia da pedra lascada,  
cogitavam em séria aflição  
para encontrar átomos de coerência  
ao menos profilática  
entre os voos aprumados da teoria  
e o mísero rastejar da prática...

# IV

## Progresso

Viva o futebol, diz o primeiro  
viva o futebol, diz o segundo  
viva o futebol , diz o terceiro  
viva o meu clube, arremata o mundo

Assim falam com inexcedível brio  
subida imaginação  
e pensamento profundo  
os tais  
oitenta e tal por cento da nação,  
ou mais,  
a qual se diz por aí ter dado  
novos mundos ao mundo  
em tempos que já lá vão.

Num tom angelical  
tais adeptos proclamam piamente  
brandos costumes  
nobres sentimentos democratas  
*et caetera* e tal,  
porém com uma excepção  
mais do que justa:  
o dever de esmagar como baratas  
quem se atreva a pôr em causa  
(é claro sem sombra de razão)  
excelsos atributos  
do bem amado clube  
filho dilecto de beatas  
em estado de menopausa  
que, oh milagre!, dão frutos...

Eu mato pai e mãe se for preciso  
estou seja quem for,  
dizem com ardor  
e carradas de razão  
aqueles devotos  
à mesa do café,  
acrescentando até  
com legítima emoção:  
se alguém não concordar  
esborracho-o com o pé.

Sou democrata mais que tolerante  
afirmam todos com imaculada fé  
e místico fervor,  
mas se algum estupor  
mais reles que animal  
insultar o meu clube  
e duvidar  
que ele incarna  
a luta pura e dura  
do bem contra o mal,  
chamo-lhe cavalgada  
aberração  
aborto natural  
insulto-lhe a mãezinha  
dou-lhe um tiro  
na carapinha,  
abato-o como um cão  
espeto-o tal e qual S. Jorge  
fez ao dragão!

Chegado ao fim deste fiel relato,  
salvo erro e omissão  
o resultado é chato.

De facto, na aparência  
diz-se, pelo menos às mesas dos cafés,  
que Portugal vai prosseguindo  
destino de excelência  
cavalgando de glória em glória  
na senda do progresso.

Mas vistas as coisas  
um pouco mais de perto,  
deste processo  
talvez seja mais certo  
tirar também uma ilação cruel:

dos restos daquela História  
que nos sobrou do passado  
só ficaram escória  
detritos e vomitado...



# V

## Ingratidão

Não sei de que se queixam  
os queixinhas lusitanos  
que só sabem refilar  
constantemente  
caluniando os ministros  
que não servindo, se servem,  
afirmam eles cruelmente.

Insultam os burocratas  
que se matam ao trabalho  
com virtude e devoção  
à luz cansada das velas  
para arranjar mais papéis  
selos e carimbadelas  
só para bem da nação.

Malandros de pouco siso  
protestam que ganham mal  
com salários de miséria  
que por essa Europa fora  
só suscitam pena e riso.

Mas esquecem, os ingratos,  
que no seu descanso eterno  
entrarão no Paraíso  
enquanto os ricos vão  
direitinhos p'ro inferno.

Tal vantagem não convence  
nestes tempos infiéis  
as mentes endurecidas  
dos pelintras lusitanos  
malvados e piquinhas

cheinhos de ingratidão  
por desvelados governos  
abnegados ministros  
políticos que se matam  
por uma côdea de pão  
de tão mal pagos são...

Em vez de santificar  
justiça e burocracia  
que ao mundo estarecido  
mostram coragem sem par,

acusam-nas de proteger  
sem vergonha nem pudor  
a velha pedofilia  
o que é um grande horror  
uma tremenda injustiça,  
inútil será dizer.

Por isso o país anda  
à deriva sem destino  
quando os ingratos não querem,  
só para dar um exemplo  
desse grande desatino,  
abrir os cordões à bolsa  
para mais um submarino,  
que destemido iria  
afirmar nos sete mares  
a nossa soberania

revelando desse modo  
um espírito mui mesquinho  
uma mente tão atroz  
que mais vale pedir à Espanha  
pra tomar conta de nós...

(2004)

# VI

## Uivemos, disse o cão surrealista

Uivemos, disse o cão  
bem lusitano  
e alçou a pata  
em ângulo impecavelmente recto  
como nunca antes tinha sido visto  
tal era o rigor cartesiano  
dessa coisa transcendente.

Perante exemplo tão original  
que espantou a gente  
saíram os vizinhos para a rua  
de norte a sul do continente  
para uivar à lua  
em todo o Portugal....

Um imenso clamor subiu até ao céu  
nos campos, nas aldeias, nas cidades  
e o país inteiro ergueu-se como um só homem  
para uivar em louvor do cão.

O animal foi então condecorado  
por ter dado um impulso grandioso  
à estética de alçar a perna  
com a precisão científica e o talento  
de uma bandeira ao vento,  
tudo isso acompanhado  
do uivo mais famoso  
que jamais fora escutado  
em terras lusitanas,  
o que deixou o bicho  
(que era mui modesto)  
de tal modo admirado  
por coisas tão insanas

que agradecido abanou a cauda com ardor  
mil duzentas e cinquenta vezes  
enquanto percorria Portugal  
de lés a lés em farta exibição  
na viagem triunfal  
da sua consagração.

E tão comovido  
ficou o pobre cão  
que na cerimónia da medalha  
morreu de comoção  
antes de poder alçar de novo a perna  
num rigoroso ângulo recto  
do mais puro rigor cartesiano  
provando que se não era de Descartes neto  
era, melhor ainda, lusitano...

Por isso o nobre animal  
mereceu as honras  
de um grandioso  
enterro nacional...

Ficou assim provado  
senão pela ciência  
ao menos por instinto vago  
que somos todos irmãos  
do cão do Saramago...

# VII

## Aleluia!

O famoso político ganhou as eleições

Aleluia!

Beijou abnegadamente com afã  
duas mil e quinhentas  
criancinhas com ranho  
có-có nas fraldas e vomitado  
todos os dias de manhã  
até à noite, estoicamente  
sem nunca tomar banho.

Passou a pente fino  
bichas inteiras  
de peixeiras com bigode  
vendedoras de hortaliça  
floristas brejeiras  
que extremosas prazenteiras  
o apertaram  
nos seus braços de ferro forjado  
e o lambuzaram por todo o lado,

apalpou discretamente  
com sacrifício  
por dever de ofício  
gays do Bairro Alto  
e costureirinhas da Sé,  
abraçando com visível emoção  
e fraterna solidariedade  
todos os chulos do Cais do Sodré.

Gritou, gesticulou, babou-se a eito  
em longos discursos bem sentidos  
embora sempre repetidos  
de que as TV proclamaram  
a fantástica originalidade  
digna de Orfeu,

até que chegou finalmente ao Parlamento,  
ninguém se lembra já  
se nacional se europeu,  
o que de qualquer modo  
dá sempre imenso jeito  
para fazer discursos mais e mais  
resolvendo enfim o dilema transcendente  
a verdade crua e nua  
cuja dúvida martiriza o povo:  
saber quem nasceu primeiro  
se a galinha se o ovo,

ao mesmo tempo que põe  
nos píncaros da lua  
excelsas maravilhas ultraliberais  
do cada um por si e o resto ao molhe

dessa espantosa novidade  
que é o Homem Novo.

Moral da história:  
vale a pena sacrificar-se  
pelo povo.

Aleluia!

(2004)

# VIII

## Direito à preguiça

Em tempos que já lá vão  
quando os animais falavam  
trabalhava-se para organizar o mundo,  
mas hoje a paranóia consiste  
em organizar o mundo para trabalhar.

Traiu-se uma lei honesta e necessária  
à harmonia entre o homem e a terra.

Agora cheira tudo a carcaça  
no espeto de um velho talho:  
matou-se o direito à preguiça  
e empunhou-se o estandarte masoquista  
do direito ao trabalho...

# IX

## Carreira

O novo ministro caracoleia  
à janela da televisão  
que é onde se faz carreira  
e não a esfolar sem critério  
enterrado no ministério,  
o que dá um trabalhão,  
hábito antiquado e  
falsamente sério  
que já não está na moda  
nem sequer é patriota  
porque não há quem queira  
praticar tal despautério.

Diz o jovem político coisas sábias  
e outras tantas pias  
para agradar em Cascais às tias  
em discursos comme il faut  
sobre justiça, igualdade,  
fraterna solidariedade  
e, sem quartel, com certeza  
a luta contra a pobreza,

tudo isto apimentado  
com sentimento na voz  
braços abertos clamando  
pelos nossos egrégios avós

e o hino da Portuguesa  
como música de fundo  
em sinal muito profundo  
de autêntica singeleza.



Vai daí é logo eleito  
pelo povo embevecido  
que gosta imenso de o ver  
a bater forte no peito.

O povo constata depois  
quando já não tem remédio  
que não houve nenhum jeito  
ter feito a asneira de pôr  
o carro à frente dos bois

elegendo aquele talento  
sem se lembrar primeiro  
que a pose não vale nada  
e palavras leva-as o vento...

(2004)

# X

## Prosperidade geral

*Em memória  
do Armando Antunes de Castro  
pelas “ironias”  
que tantos anos partilhámos juntos*

Uma alcateia de ministros empertigados  
invadiu a aldeia de promessas.

O entusiasmo foi tanto  
que os dentes cresceram  
aos velhos desdentados

a égua foi coberta pelo bode  
os bebés tiveram logo barba  
as ceifeiras perderam o bigode

a vaca mugiu uma canção de Madona  
e para a ouvir encantados  
os peixes vieram à tona

enquanto os pássaros entravam pela janela  
directamente para a panela  
num voluntário e digno sacrifício  
à prosperidade geral.

É assim a vida  
no país das maravilhas  
do reino de Portugal...

(2004)

# XI

## Poluidores

Era uma vez um ministro  
que tinha um cão.

Era uma vez um cão  
que tinha um ministro.

Ambos criavam detritos  
e outras chatices mais.  
O cão fazia-os no chão,  
o ministro só nas leis  
circulares e papeladas  
com selos ministeriais.

Mas tudo vai dar ao mesmo  
com resultados cruéis  
para o pobre cidadão:  
tem a caca nos sapatos  
e a caca dos papéis...

# XII

## Opereta

Eram pai e mãe  
e uns quantos filhos gulosos  
cheios de brilho e fulgor  
cada um com seu partido  
cada qual com sua cor,  
que a vida custa a ganhar,  
é preciso estar atento  
porque é bom sempre saber  
para que lado sopra o vento.

O paizinho foi pra esquerda  
a mãezinha pra direita  
entre os filhos há de tudo  
desde o esperto sempre à espreita  
ao sonso que faz de mudo,  
desde o feroz Torquemada  
ao molengas mais astuto  
que finge não fazer nada.

Quando algum vai pro poleiro  
duma benesse qualquer  
neste Estado benfeitor,  
tudo come minha gente  
com apetite e ardor

porque todos estão unidos  
na mais sagrada irmandade  
seja qual for a missão,  
seita chalada ou partido  
da ordem ou da desordem  
(para o efeito tanto faz)

o que importa é estar na frente  
ser feroz e bem voraz  
seja em nome do que for,  
tachos, poder ou tostões,  
ninguém passa a perna à malta  
e perder, nem a feijões...

Vem o pai, fala de tudo.  
Vem a mãe, fala de nada.  
Sem medo de repetir  
os filhos tecem discursos  
que lhe passam pela bolha  
sobre a pátria bem amada:  
da extrema esquerda à direita  
da monarquia estafada  
à República zarolha  
da pureza racial  
ao faducho nacional  
tudo é bom pra estes jovens  
de têmpera aventureira  
servirem a nossa pátria  
e, é claro, a carreira  
que tantos proventos dá  
num país de brincadeira  
pois não há pátria sem homens  
como os que andam por cá.

Nação que corre num rio  
com enxurrada de leis  
qual delas com mais dureza  
que só apertam os calos  
do Zéquinha plebeu  
um desgraçado escolhido  
pela fatal natureza  
que o destino lhe ofereceu.

Felizmente as leis malvadas  
que provocam tanta dor  
não se aplicam aos casos  
de tão ilustres famílias  
citadas nesta opereta  
que submeto ao leitor.

Aqui as leis são benignas  
ou vão gelar pra gaveta  
até vir a amnistia  
poupando contas sem conta  
com o rigor fiscal da treta.  
Nesse santíssimo dia  
os fiscais endurecidos  
adoecem com azia  
ou viram amigos porreiros  
dos falsos contribuintes  
e todos juntos entoam  
a música das Valquírias  
com letra do Quim Barreiros.

Manda a verdade dizer  
quanto às leis para este mundo  
de gente tão bem fadada  
a quem o fisco não toca,  
que a história está mal contada.

A verdade, verdadinha,  
deve enfim ser revelada  
com a mais pura franqueza.  
A origem da riqueza  
não tem mistério nenhum:  
cai direitinha do céu  
se se rezar com fervor  
uma sentida novena  
e um Padre Nosso ao Senhor

Como pode outra justiça  
simples mortal e terrena  
de tributação viperina  
contrariar esta última  
que é e só pode ser  
de autêntica origem divina?

Não o podendo fazer  
como é mais do que evidente,  
limita-se a cobrir tudo  
com música celestial  
ornando pudico véu  
e assumindo a pose casta  
de se pôr de rabo ao léu,,,

Vindo a riqueza nos genes  
tal e qual o sangue azul  
manda dizer a decência  
que ninguém pode alterar  
a obra da Providência.

O paizinho e a mãezinha  
mais os filhos já referidos  
da tão louvada família  
fazem parte daquele mundo  
(atenção é importante!)  
que não é um “*mundo cão*”

porque empregar tal expressão  
era ofender sem motivo  
aquele nobre animal  
que merece, estejam certos,  
muito mais consideração...

(2004)

# XIII

## Cantiga

Diz o adágio do povo  
erradamente, acho eu,  
que mais depressa se apanha  
um mentiroso do que um coxo.

Ó lá-lá ó lá-lá  
ó lari-lá-lá

Tal ditado é das tais tretas  
que no sentido moderno  
não servem para ninguém

A olho nu todos vêem  
que há ministros pernetas  
mas ninguém percebe logo  
que navegam em jangadas  
e não em naus Catrinetas.

Ó lá-lá ó lá-lá  
ó lari-lá-lá

Neste país de muletas  
bem mais valeria ter  
um bom par de lunetas  
para ver o que se passa  
a dois palmos do nariz...

Ó lá-lá ó lá-lá  
ó lari-lá-lá



Disto retiro a lição  
que querer caçar mentirosos  
tem a mesma utilidade  
do que prender proxenetas  
só p´ra lhes dar um sermão

sobretudo num país  
desenhado em linha recta  
em que os ministros não mentem  
e dizem sempre a verdade  
tal e qual o Borda d´Água  
ou uma santa irmandade.

Ó lá-lá ó lá-lá  
ó lari-lá-lá

Tentar apanhar mentiras  
à fidalguia de luxo  
é impossível tarefa  
e inglória ilusão  
por não existir tal coisa  
entre seres tão devotos  
pela causa da nação.

E quando são despedidos  
ou, diz o vulgo, corridos,  
nunca por incompetência,  
(já se vê, é evidência)  
aceitam, com dor, ir parar  
ao horrível purgatório  
da fofa Administração  
onde vivem de joelhos  
e santa resignação

em empresas que antigamente  
foram por si tuteladas  
no tempo em que eram gente.  
Agora vivem das rendas

de cujo merecimento  
só os maus duvidarão,  
com fatos de caxemira  
e pantufas de algodão.

Ó lá-lá ó lá-lá  
ó lari-lá-lá

E lá vamos cantando e rindo  
levados, levados sim,  
que o progresso é para amanhã  
e a pátria é um jardim  
feito de engenho e afã..

O que é preciso é que esteja  
cada macaco no seu galho.  
Que se lixe o revirinho  
Que só sabe protestar  
e mais outros pobretanas  
que não querem trabalhar!

Ó lá-lá ó lá-lá  
ó lari-lá-lá

(2004)

# XIV

## Brandos costumes

Marido que mata mulher  
e a corta aos bocadinhos  
é cena mais que banal  
mostrando os brandos costumes  
deste nosso Portugal  
cuja raiz vigorosa  
é toda feita de “inhos”.

O pior está pr´a vir  
quando as mulheres chateadas  
gritarem todas “às armas!”  
aprenderem karaté  
e lhes derem tais porradas  
com cacetadas de paus  
que os põem a mijar  
chá de tília e água-pé

ou os pescoços torcerem  
a cento e oitenta graus  
de tais valentes de feira  
de modo a darem-lhes cabo  
desse aspecto prazenteiro  
quando olham pr´a barriga,  
e vêm só o trazeiro.

Nesse dia, aqui d´El Rei  
grita o povo emocionado,  
foram-se os brandos costumes  
voltou-se ao estado selvagem  
do mundo incivilizado.

Quando tal dia chegar  
já não há moralidade,  
a tradição está perdida

só restando essa saudade  
do tempo da boa vida  
puro, sereno e mais que são  
em que o macho lusitano  
brandos costumes brandia  
no uso dos seus direitos  
pr'ó prestígio da nação...

# XV

## O regresso de Drácula no *barco do aborto*

Em certo país perdido  
num canto do mapa-mundo  
há um ministro do mar  
moralista e furibundo  
que manda em todos os peixes  
do tubarão à sardinha  
e dizem que também manda  
num barco ou dois da marinha.

Mas esta triste história  
sem grandeza nem glória  
não acaba neste ponto  
já de si de meter dó.  
Lá diz o velho ditado  
que um azar nunca vem só:  
vai daí que cá chegou  
de sangue todo pintado  
cheio de pecado e mácula  
um barco de feiticeiras  
comandado pelo Drácula  
que tentou de mil maneiras  
atacar a alma pátria.

Logo o ministro mandou  
fazer frente ao invasor  
com esforço e mui fervor  
apontando os seu canhões  
ao tal barco do aborto  
se o caso desse p' ro torto.

Hélas! a heróica marinha  
ao cumprir ordens, levou  
tal saraivada de fetos  
que logo ali naufragou.

Nesta história bem pungente  
onde a grandeza não falta,  
falta o ministro valente  
qu'ainda não teve alta  
do hospício onde reside  
com estatuto permanente...

(2004)

# XVI

## As moscas

Quando o ditador das moscas  
só tinha aficcionados e admiradores  
o reino era um oásis bucólico  
de pasmaceira e flores.

Nesse tempo  
as vacas pastavam em sossego  
devolvendo à natureza o que sobrava  
e as moscas comiam tudo o que ficava  
com molho de tripas e legumes  
em largas pratadas  
de brandos costumes,

nos cemitérios os defuntos escutavam enlevados  
por mais não terem que fazer  
o chilrear da passarada  
e o balir dos borregos  
pensando neles em guisado  
com batatinhas no forno  
e um tinto de Alentejo pra beber  
ao som do fado esganiçado,

enquanto se apinhavam em torno  
os pobrezinhos respeitosos,  
daqueles que sabiam pôr-se no seu lugar  
no tempo em que o respeito era bonito,

dado quase não haver  
contestatários ingratos  
pra cuspir dentro da sopa  
e, oh horror!, a festa interromper  
por felizmente estarem todos mortos  
ou por nascer.

Depois o ditador, que para surpresa geral  
afinal era mortal,  
hélas!, morreu,  
desenlace que decorreu do facto prosaico de estar vivo,  
não tendo deixado descendência  
por nunca, diz-se, ter usado  
o aparelho recreativo.

O aprendiz de feiticeiro  
que a seguir lhe sucedeu  
foi também por desgraça destronado  
e desgostoso fez-se ao mar  
num carro blindado.

As moscas fugiram espavoridas  
ou foram substituídas  
por outros insectos que tais  
por répteis  
por chacais  
e por muita lesma.

É por isso que hoje, louvado seja deus,  
a caca continua a mesma...

(2004)



# XVII

## Direito e avesso

Já não sei onde estou  
nem mesmo quem fui ou sou  
perdidas as ambições  
que outrora, há muitos séculos, almejava,  
em cavalgadas juvenis  
onde havia amarras a soltar  
castelos que era obrigatório libertar  
princesas sequestradas  
que, sabe-se lá porquê,  
mereciam ser resgatadas,  
monstros que não me fizeram mal nenhum  
mas que queria por força derrotar  
nem que fosse à dentada  
e outros feitos heróicos  
nesse campo de batalha  
do quarto em que dormia  
onde aventuras vivi  
a esgrimir com a sombra  
mergulhando espelho adentro  
onde estava a cavalaria  
do Emílio Salgari  
que entrava à vez  
com os quatro mosqueteiros  
que afinal não eram três  
como logo vi  
(mas o Dumas pai  
não sabia fazer contas pelos dedos)  
e davam a volta ao mundo  
se bem me lembro em oitenta dias,  
ou em meses?

Por causa da idade  
já não estou muito seguro  
cá no fundo...

O tempo foi passando sorrateiramente  
enquanto estava distraído  
e hoje só vejo surpreendido  
castelos em demolição  
vendidos ao desbarato  
a gentlemen de cartola,  
monstros reciclados  
na política e na bola,  
princesas que já não dançam valsas  
como antigamente  
trazem jóias falsas  
passeiam nas mundanas passarelas  
em pose semi-nua  
com a graça de cavalos de tracção  
à frente da charrua.

É um mundo ao avesso  
onde o coelho de Alice  
saca homens do chapéu

onde as crianças são velhas  
e os velhos não morrem nunca  
salvo no terceiro mundo  
que é para aprenderem  
a não fazer escarcéu  
(quem os manda nascer lá  
em vez do lado de cá?)

Rica vida abençoada  
pela ordem natural  
(os ricos enriquecem  
e os pobres empobrecem)  
cientificamente provada  
pela lei de Darwin  
e pela justiça divina,

pois isso só acontece  
porque uns trabalham muito  
e os outros não fazem nada  
como toda a gente sabe...

Hoje em dia não há sonhos  
nem castelos encantados  
e os velhos ideólogos  
tanto os ateus como os crentes  
estão todos embalsamados.

Os benfeitores da humanidade  
são agora os financeiros  
impolutos cavaleiros  
e outros génios iguais  
de pés assentes na terra  
e coração instalado  
nos paraísos fiscais.

A moral a tirar disto  
é singela e elevada:  
o dinheiro vale tudo  
e tudo não vale nada...

# XVIII

## Vocação

Seu burro! nunca mais  
passarás da cepa torta!  
ou vais cavar para a horta  
ou domesticar animais!

Não senhor, senhor doutor,  
vou seguir p'ra professor...

# XIX

## A mulher

*(cantiga popular)*

A mulher é o futuro do homem  
disse Aragon inspirado.  
Porém pecou por defeito  
quando esqueceu o passado  
e o presente também,  
pois sem mulher não iria  
nem longe nem mais além  
do que o estado primitivo  
da pura selvajaria  
bem pior do que a que tem...

# XX

## Enganos

*(cantiga popular)*

Repensar é coisa fina  
que dá trabalho de mais  
em tempo de eleição.  
É preferível ler a sina  
ou nos astros os sinais  
do que ouvir novas promessas  
com a mão no coração  
e o voto a pedinchar.

Entre as mentiras da gentinha  
e as traições da gentalha  
não há muito que enganar:  
uma é a face mesquinha  
a outra a face canalha

que se juntaram à esquina  
a tocar a concertina  
e a dançar o sol-e-dó  
mas a canção desafina  
o país perde a cabeça  
e a polícia desatina:  
vai tudo pró xelindró.

Isto passou-se, tá visto,  
nos tempos já bem distantes  
em que os animais falavam  
e liam livros que tratavam  
de coisas mais importantes.

# XXI

## Receita infalível para a solução da crise

Os matemáticos enfeitam a pobreza com equações sábias  
os economistas fingem que acreditam nelas  
os políticos fazem com enlevo bonecos de papel  
para nos bairros populares do reino das palavras  
os oferecer aos pobrezinhos a granel  
os banqueiros interrogam-se  
com a legítima curiosidade de conhecer um pobre  
as organizações internacionais gesticulam  
com alarido e locuções estranhas  
em torres de babel  
os padres acreditam que a fé move montanhas  
e oram para que passe a crise enfim  
até que, aproveitando a distração dos governos,  
um belo dia Nosso Senhor disser que sim.

Mas esses remédios sem dúvida infalíveis  
levam o seu tempo a ter algum efeito  
quando a via está, há muito, descoberta  
por um tal Swift que resolveu tudo  
tanto a miséria ao léu como encoberta  
numa teoria que se fosse aplicada  
acabaria num ápice com fome e crise social  
para estabelecer até ao fim dos tempos  
justiça sã e prosperidade geral.

A solução é simples e das mais primárias.  
Bastaria para isso matar os pobres todos  
e comê-los em seguida com artes culinárias  
pois se há quinhentas e tal maneiras  
de cozinhar neste país o bacalhau  
haverá outras tantas ou ainda mais

para confeccionar maminhas de peixeiras  
com salsa e colorau  
costeletas de pobre e coxas de porteira  
lombo de sopeira à moda de Cascais  
rabo de varina assado à maneira  
rosbife de caixeiro viajante  
funcionário cozido às postas com molho do Gerês  
sal quanto baste e gosto memorável  
(mas não *steak* de ministro  
que é sempre intragável)  
e um sem número de outras iguarias  
próprias de um digno chefe português  
que teriam a vantagem imensa  
de equilibrar a oferta e a procura  
e cortar despesas perdulárias na Segurança Social  
com vadios que não querem trabalhar  
só porque têm oitenta anos e tal  
como se isso fosse uma razão!

Poupava-se assim em hospitais  
remédios caros para quem não paga  
gastos com doentes que fingem que lhes dói  
a esticar o pernil e sempre aos ais  
desempregados que só sabem dizer não  
às dezasseis horas por dia  
como a higiene aconselha e o dever comanda  
a tanta ingratidão!

Quanto aos parasitas que exigem pensões chorudas  
ao nível escandaloso do salário mínimo  
e põem um ar trágico  
aos impostos sempre alérgico  
apenas por terem perdido um braço, uma perna  
ou ficar um bocadinho paraplégico  
num mais do que natural acidente de trabalho,  
todos sabemos que mentem com quantos dentes têm  
(os desdentados ainda são piores)  
já que uns nasceram degenerados  
e outros, mais velhacos, desatarraxaram o dito membro



e têm-no lá de casa escondido e bem guardado  
para viverem à custa, sem pudor,  
do orçamento de Estado.

Acrescentam ainda os nossos sensatos liberais  
que se formos desse modo parcos no gastar  
poupa-se na importações e tudo o mais  
na balança comercial, nas finanças,  
obriga-se os pobres a viver à luz das velas  
o que chega e sobra  
recompondo o orçamento duma vez  
segundo as ordens de Bruxelas  
e da Comissão Europeia, comandada  
por um antigo chinês  
primo afastado dum soba do Camboja  
um tipo formidável  
com grande pedalada  
que usava tanga, cortava cabeças  
mas não era, hélas!, reciclável  
em política moderada...

Ao salgar, cozer, metendo a congelar  
pelintras, tesos e outros salafrários  
sem contar a malandragem da Quercus e da Greenpeace,  
a solução genial que modestamente proponho  
é a única que permite conciliar  
o equilíbrio da economia e a baixa dos salários  
o que só dá saúde ao mercado e que respeita  
o milagre das rosas descoberto  
pela concorrência perfeita.

Esta verdade irrefutável  
está provada por axiomas de primeira água  
demonstrados, é certo com alguma confusão  
mas com fervor, por eruditos ilustres  
que moram pendurados qual morcegos  
à janela da televisão.

Instruídos por tão insignes mestres  
sem ameaças nem tabefes  
os pobres, sempre confiantes, não hesitarão  
em ser eles próprios voluntários  
e entregar-se às mãos dos magarefes  
por amor da expansão económica portuguesa  
e ter a patriótica felicidade  
de salvar essa sobrenatural lei da natureza  
que é o pacto de estabilidade.

E assim se chegaria ao fim da crise  
alcançando o bem aventurado equilíbrio financeiro  
em mares nunca dantes navegados  
perante o espantado mundo inteiro  
sem escusadas receitas extraordinárias  
e outras fintas de qualidade insana  
mas apenas utilizando o engenho pessoano  
em criativas receitas culinárias  
saídas direitinho da alma lusitana.

# XXII

## Discurso ao pós-modernismo

Disseram-me certa vez  
num dos momentos propícios  
a fanáticos verbosos  
que têm a doce mania  
de cuspir sobre o que mexe  
(para mal dos pecados  
da pobre Filosofia  
de anão que nunca cresce)  
que para ser pós-moderno  
é necessário empatia  
praticada com afinco  
a toda a hora do dia  
redondo como uma bola:  
*põe-te no lugar do outro*  
*indivíduo malfadado*  
*egoísta de uma figa*  
*positivista sem tola*  
*umbiguista impenitente*  
*eurocentrista chalado*  
*incapaz de alteridade*  
diziam os pensadores  
com digna solenidade,  
daqueles que comem alpista  
num tom agreste e crispado  
lá do alto empoleirados  
no altar relativista  
donde escrevem nos jornais  
soltando risos de gozo  
e uivos em vinagrete  
de raposas e chacais.

E eu pus-me a viver num mundo  
cheio dos outros sem nós  
em que o eu desapareceu  
e o nós é coisa morta  
para dar lugar ao outro  
o qual por sua vez  
está também dentro de outro  
e o outro de mais outro  
e sempre assim de seguida  
até chegar ao infinito  
como *matrioscas* que encaixam  
num movimento esquisito  
em que eu já não sou eu  
como era outrora a norma  
mas qualquer coisa de mole  
gelatinosa na forma  
sem princípio nem fim  
onde por caminhos tortos  
vamos um atrás do outro  
o eu em busca de mim  
e o mim à procura dele  
num jogo de cabra cega  
a fugir do eu e nós  
sem saber que se carrega  
na barriga um albatroz  
que lhe devora as entranhas  
sem proveito pra ninguém  
salvo a vaidade mesquinha  
e as poses da saloiada  
bem falante e comezinha  
que é toda perfumada  
arrastando a crina austera  
e o instinto libertino  
nos cafés de esplanada.

Pós-modernismo é assim:  
nave de loucos à solta  
na tempestade da moda  
sem nada a que se agarrar  
cor de burro quando foge  
flatulência sem par...

## XXIII

### Probabilidades de sobrevivência

Depois de um inquérito estatístico à nação  
altamente informatizado  
e com rigor científico de ponta  
por sumidades que pululam  
por aí sem conta  
descobriu-se a espantosa novidade  
comprovada matematicamente  
que Deus existe com toda a probabilidade  
a quarenta por cento de certeza  
mais vírgula e tal.

Retumbante vitória da ciência  
e do engenho lusitano sem igual  
por ter deste modo encontrado  
o instrumento adequado  
que explica a sobrevivência nacional  
dispensando metafísicas de vez  
e a teologia em geral  
ao calcular o dobro do quadrado  
do déficit orçamental do Estado  
e dividindo cuidadosamente o total  
pela raiz cúbica do milagre  
que faz com que o país ande por cá  
embora se admita, tristemente,  
com sessenta por cento de invalidez.

Se se descobrir um dia, por azar,  
devido à imparável tecnologia,  
ter este cálculo pecado por excesso  
e que afinal não há a tal muleta  
da divina providência  
nem sequer da astrologia,

que, juntas, regem a marcha  
do nosso pequeno mundo,  
então estamos tramados  
e sem apelo nem agravo  
o país vai mesmo ao fundo...

# XXIV

## Metamorfose num conto de fadas

Um dia o cata-vento da aldeia  
que vivia pendurado lá no alto  
por cima do campanário  
na forma de um galo de metal  
já com ferrugem  
fartou-se de girar e mais girar  
ao sabor da intempéries e do vento  
ora para leste, ora para oeste,  
sem que ninguém tivesse um pensamento  
um gesto simples de mera gratidão  
pela forma como, dia após dia,  
em anos sucessivos,  
provara o seu talento  
cumpridor e mais do que esforçado  
de sinaleiro do tempo.

Diz a lenda que perante tais agravos  
o bicho fartou-se um belo dia  
e num assomo de rebeldia  
decidiu mudar de vida:  
escorregou pelo mastro da bandeira  
foi até à sacristia  
e num gesto ímpio à maneira  
de um galo desesperado  
abriu a porta do sacrário  
pegou numa hóstia já benzida  
que o padre, míope e distraído,  
deixara ali esquecida  
fechada no armário



e preparou-se para a engolir  
sem confissão nem nada.

Mas a hóstia que estava alerta e acordada  
logo ali o informou benevolente  
num tom de catequese  
de rendilhada forma  
que ele tinha o ensejo  
por decreto e celestial norma  
de pedir um prémio  
por tantos e bons leais serviços  
antes de atingir a reforma,  
ou seja, dispunha do direito a um último desejo  
para, como nos contos de fadas,  
se transformar naquilo que quisesse.

O galo, que exercera desde sempre  
a nobre função de cata-vento  
e portanto era, por assim dizer, humano que sofresse  
de acentuada deformação profissional,  
não hesitou um só momento  
e disse: *quero ser homem de verdade  
e ir pro parlamento português  
e já agora, se escolho o nacional,  
é porque gosto de línguas estrangeiras  
e quero aprender o parlamentarês.*

A hóstia fez-lhe a vontade  
na justa recompensa do alento  
demonstrado durante tantos anos  
ao ter seguido com honra e desassombro  
a direcção patriótica do vento.

E foi assim com mais esta recruta  
que o país fez novos passos  
na senda imparável do progresso  
do nosso inolvidável desenvolvimento...

# XXV

## Contentamento dos realistas

Há pensadores que pensam com exaltação  
*(se não pensassem não seriam pensadores)*  
que o cepticismo consiste em não acreditar em nada  
e que sonhar é, da primeira à última instância,  
uma teologia surrealista e louca  
que vive de cabeça para baixo  
como um morcego pendurado  
no céu da boca.

O realismo é para eles em cada circunstância  
do morno quotidiano terra-a-terra  
um pacto com deus ou o diabo  
(mesmo que a fé seja nula ou pouca)  
que deita abaixo os devaneios  
de artistas, poetas e outros malfeitores  
parentes de carraças e de pulgas amestradas  
que não sabem sequer o que é a verdadeira vida  
feita de suor, facturas, recibos, negócios  
artes políticas e outras transacções  
entre muitas e sempre dignas trapalhadas  
que fazem a alma da nação,  
quanto mais dar sentenças ou ter opiniões  
que prejudicam os legítimos censores  
oráculos da governação.

Tais acacianos do contentamento  
de gestos comedidos ou espalhafatosos  
dedo em riste e espinhaço erecto  
para esconder a moleza do intelecto  
navegam sem se afogar em torrentes de palavras  
que a calúnia reles insinua ser  
de patrioteirismo barato  
por desaguarem quase sempre em sítios mal cheirosos  
coisa, aliás, sem importância porque já não há olfacto.

Dispõem ademais de uma arma infalível  
que é um imbatível argumento  
na dialéctica ao mais alto nível  
a que não se opõe praticamente nada:

nunca por nunca se calar,  
e entrar se for preciso à bordoada  
para não ouvir os outros dizer *não*,  
e a plenos pulmões sem descanso berrar  
as ideias que compraram à socapa  
em saldo na feira da ladra  
ou aos ciganos no Verão...

# XXVI

## Consciência nacional

- *Foge cão*  
*que te fazem barão!*
- *Para onde*  
*se me fazem visconde?*

(Adágio popular do século XIX)

Era uma vez um país atrofiado  
em espaço e pensamento  
que proclamava do mundo uma visão  
à escala do seu tamanho  
como uma pulga amestrada  
empoleirada num cão  
convencida que decidia lá do alto  
o destino dos homens e o rumo do universo  
em cada salto.

Com uma elite de pulgas e piolhos  
que cultiva o porreirismo amigo  
a nação inteira só tem olhos  
mansos para o seu umbigo.  
Mas à força de querer tudo sem ser nada  
o olhar foi ficando mais tacanho,  
e por teimosia viciada  
em glórias inimitáveis do antanho  
deixou crescer no pátrio seio  
um enxame de ideias pequeninas  
que deram cabo das grandes  
em nome da igualdade  
que proíbe aos cidadãos  
ultrapassar metro e meio

bitola justamente adequada  
à cultura de TV com roupa suja  
muita baba e ranho  
e escarros de memória sem igual  
que uma fada encarquilhada  
com mais de oitocentos anos  
farta de tanto aturar  
por castigo transformou em epicentro  
da consciência nacional...

# XXVII

## Impertinência

É um cão impertinente  
vicioso cheira-cus  
a fazer o que não deve  
que me lembra certa gente  
toda junta em alcateia  
cuja prosápia só vem  
do pouco senso que tem  
quando tenta farejar  
o rasto da vida alheia...

Mesmo assim o pobre cão  
tem bem mais dignidade  
pois só cheira um por um  
de boa fé sem maldade  
ou qualquer maledicência  
apreciando o que vê  
como bom conhecedor  
e espírito assaz cortês  
sem outra consequência  
do que a nobre arte de ter  
um cheirinho de prazer  
somente de quando em vez...

# XXVIII

## Egotismo

Eu! Eu! Eu! Eu!  
vocifera a boca palradora  
com um não sei quê  
sem olhos sem rosto  
nem existência corpórea  
porque só a boca se ouve  
e só a boca se vê.

Minha mulher, minha casa, meu fato  
minha carreira, meu cão, meu gato  
minha vida, meu destino  
meu, meu, meu, meu!  
diz ele em desatino,

Lá fora não há dor nem alegria  
e nada que se pareça com memória  
ou amigos que se possam lembrar

porque o mundo inteiro não revive  
nem certamente alguma vez viveu  
ou teve opinião ou sequer estória

quando a boca se abre para falar  
em tom diverso  
e cobre o céu e a terra acabrunhados  
com o seu insuperável Eu  
maior que o universo...

# XXIX

## Tourada e carne fresca

*Foi aberta, para grande alegria dos aficionados,  
a nobre temporada taurina na reabilitada Praça  
de Touros do Campo Grande  
(dos jornais, Maio 2006)*

O cavaleiro caracoleava  
e na praça a orquestra trovejava  
Ta-tchim! Pum! Ta-tchim! Pum!

No seu fato farfalhudo e ondulante  
saltitavam pirilampos  
pratas, lantejoulas e flores cor de pastel  
enquanto a montada sacudia com soberba as crinas  
de caracóis entrelaçados  
e muitas serpentinas  
bamboleando-se toda  
ao som dum tango das pampas argentinas  
trazido pelo Carlos Gardel.

Nas bancadas a multidão de pé  
exigia a presença imediata  
do touro  
olé! olé! olé!  
mata! mata! mata!  
espumava a malta.  
em tom corajosamente viperino...

Por fim entrou o bicho com ar contrariado  
nesta história.  
Deu três passos, parou a assobiar  
certamente esperançado  
que ninguém desse por ele



e fez-se pequenino,  
tarefa assaz difícil e inglória

porque em fúria já o povoleu bramia  
e o homem vestido à mosqueteiro  
também vociferava  
insultando-lhe com ardor a mãe  
lá do seu poleiro

sem que o bicho, muito admirado,  
atinasse um só instante c'ó motivo  
de tudo aquilo...

*“Isto é uma chatice”*  
pensou o touro num bocejo.  
*“O tipo vem do asilo  
e o cavalo é paneleiro”...*

E ficou na mesma pose recatada  
até que, de modo traiçoeiro,  
o outro dele se abeirou  
e com fintas e requebros dançarinos lhe espetou  
uma coisa dolorosa na lombada.

*“Jesus! Maria!”*  
gaguejou o touro  
vendo com a dor tantas estrelas  
em pleno dia  
que até lhes sentiu o cheiro.

*“Este gajo é maluco ou quê?!*  
*Vou é pastar para outra freguesia...”*

Mas logo a seguir, recebeu  
nova estocada e outras mais ainda,  
e a páginas tantas  
parecia um paliteiro

enquanto na tribuna o locutor dizia com maldade  
que “*a besta não colaborava*”  
e que quando às vezes investia  
era sempre de maneira “*pouco franca*”.

“*Vai chamar besta à tua tia  
e lamber sabão, oh meu!*”  
rosnou o touro em surdina,  
“*ainda por cima devo  
colaborar e ser franco?!*”

“*Porquê tanto escarcéu?  
Acaso fui eu que pedi  
para vir até aqui,  
meu grande parvalhão,  
apanhar porrada daqueles dois  
que não conheço nem de Eva nem de Adão,  
o maricas do cavalo e o maluco do toureiro?*”

E pensou com nostalgia  
em lezírias de cetim, verdes pastagens  
saudosas vaquinhas ainda por cobrir  
até que já sem forças desistiu  
e se deixou cair...

Finalmente a jorrar sangue  
amparado por várias enfermeiras  
com guizos e chocalhos a tinir  
o touro saiu em braços  
a caminho do hospital, pensava ele.

Como estamos num país civilizado  
de brandíssimos costumes  
clima temperado  
e sol de ouro,

não se mata na arena  
nem uma mosca quanto mais um touro.

Mas quando se fecha a porta do curral  
corta-se se for preciso ainda vivo  
o desgraçado às postas  
fiel à tradição castiça  
deste nobre Portugal....

É por isso que por cá a carne é quase sempre fresca  
como as meninas casadouras, a fruta e a hortalixa  
para honra da gastronomia  
e orgulho nacional...

**XXX**

## **Ilusões perigosas**

O fanatismo exaltado  
é o último refúgio dos velhacos

que esperam que o Santo Graal  
ou mil virgens sem sal

lhes venham cair nos braços  
a tremerem como vimes

nessa homenagem que o vício  
julga prestar à virtude,

esquecendo-se que só não muda  
a vontade de mudar

que a imortalidade morreu  
de uma morte natural

que os defuntos estão fartos  
de serem sublimes  
em fábulas de embalar

e que os cemitérios estão cheios  
de eternidades sem par...

# XXXI

## Proclamação

*Aos fumadores crucificados*

Não há clemência  
p'ra monstros que fumam!  
diz o grande mestre  
do seu palanquim.

Não terão perdão  
nem multa que chegue  
ou sequer prisão

para os castigar  
de ter cometido  
pecado mortal  
em comprar tabaco  
e pôr-se a mascar.

Em nome da vida  
que mora no céu  
pois outra não há  
sagrada no mundo  
da nossa oração

matemo-los já  
duma vez por todas  
a tiro, à facada,  
a murro, à dentada  
sem extrema unção

até que se extinga  
a espécie nociva  
em alma que viva  
de noite ou de dia

para ter enfim  
a democracia  
nas ruas, nas casas  
e em cada jardim  
ou espaço privado.

Proclama-se aqui  
no tom mais sagrado  
do poder legal  
do nosso djihad

que os fumadores  
são seres renegados  
piores que animais

e que um cidadão  
modelo moral  
armado por lei  
com balas de aço  
e lanças mortais

tem o dever pátrio  
de abater à vista  
qualquer cão tihoso  
ou vulto sombrio  
parado a fumar  
sentado ou de pé  
na rua ou no átrio

que cheire a tabaco  
cigarro, charuto,  
cachimbo ou rapé.

Em nome de Deus  
todo poderoso  
da gente e da grei  
proclamo e assino  
esta nova lei  
cujo grande intento  
não salva a saúde  
mas dá vitaminas  
ao nosso orçamento.

*(Pela Europa Unida  
contra os ímpios)*

# XXXII

## A morte do último fumador

Hoje, 1 de Janeiro de 2020,  
a Comissão Europeia está em festa  
e as televisões entusiastas rejubilam:

fuzilou-se na praça pública  
em transmissão global  
o último fumador apanhado  
no meio da avenida  
cigarro na mão inveterado  
e ares de desafio no olhar  
provando que a alma foi perdida.

Tanto faz ter ficado ou não provado  
que o engenho mortal  
estava aceso ou apagado.  
Os bons costumes estão salvos  
e a Europa mais unida.



# Índice